

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
envios : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, LISBOA ; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE
MELLO, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do número à Paris, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 13

PARIS 5 DE JULHO DE 1890

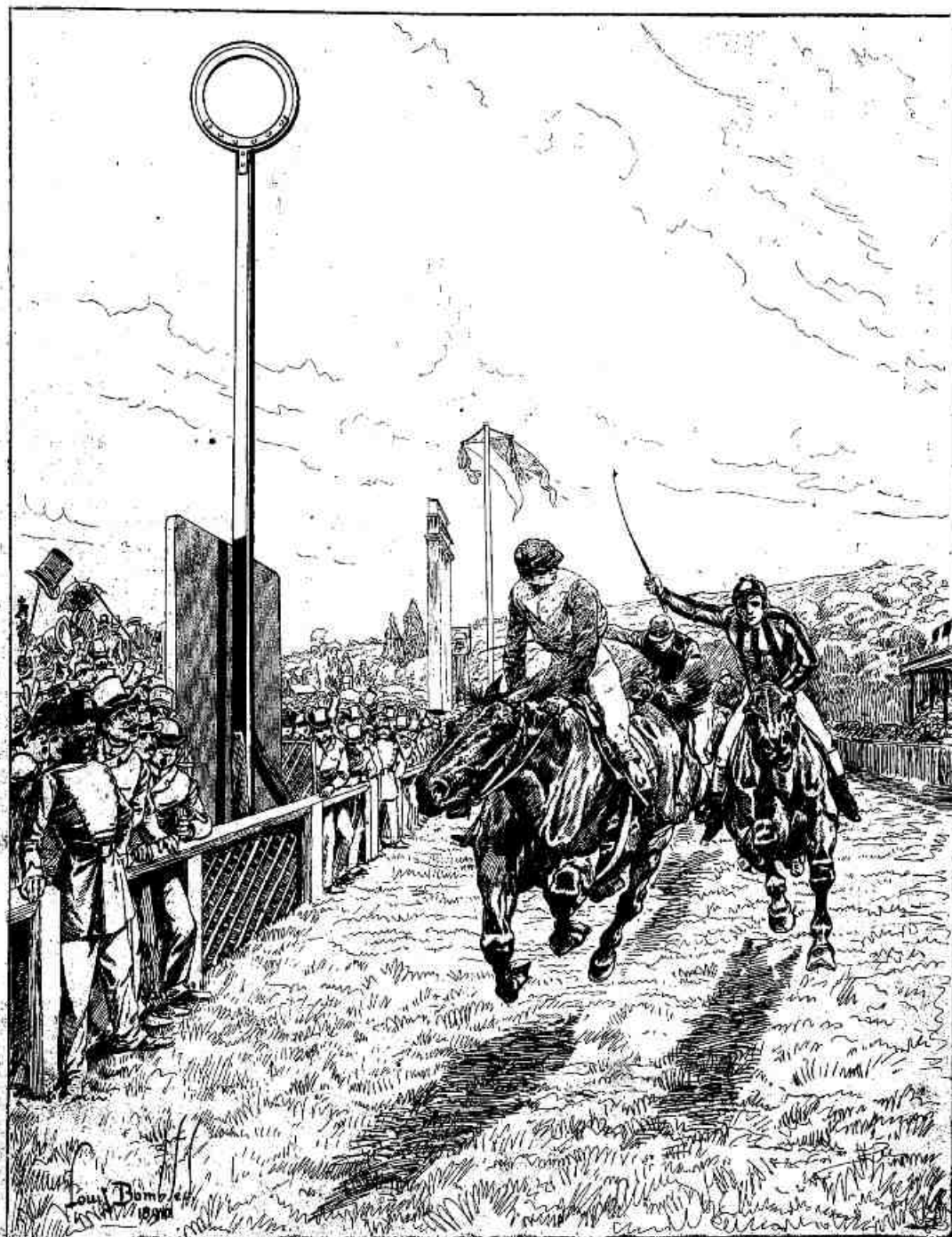
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

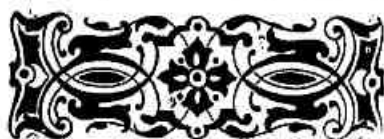
ASSIGNATURAS

ANNUÉ.....	2.400 REIS
SEMI-ANNUÉ.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



CORRIDAS DE CAVALLOS. — O GRAND-PRIX DE PARIS.

• (Chegada de Fitz-Roy, pertencente ao barão de Schickler.)



CHRONICA

EDUCAÇÃO PHYSICA

QUANDO de annos a annos nos sentimos ameaçados pelo estrangeiro; quando algum conflicto diplomatico nos deixa ver que pôde estar por um fio esta paz pôdro em que patinhamos ha meio seculo; — alguns paes da patria empertigam-se dentro das sobrecasacas, e o fura-bolos ameaçador, e a voz á Theodorico, exclamam no parlamento:

— « E' necessario que o paiz esteja preparado para fazer face a qualquer eventualidade!... »

Então, toda a camara se desfaz em *apoiados*! nomeiam-se comissões e mais comissões; o governo aproveita o entusiasmo para pedir mais credios; mandam-se commissarios ao estrangeiro para ver como os outros paizes se defendem; os commissarios nada vêem e nada procuram ver, tão enredados andam com os prazeres de Paris; e depois de se terem gast. muitas dezenas de contos de reis, Portugal de novo fica á mercê de qualquer Salisbury!...

E' já escusado pensar em quaesquer medidas governativas: na intervenção do Estado para a transformação da sociedade portugueza.

Entre nós os governos estão condemnados a não fazer nada, ou porque não têm ideias, ou porque os correligionarios lhes não deixam uma hora livre por dia, para os governos se occuparem dos interesses da patria.

Só devemos recorrer á iniciativa particular, e tratar de a animar e de a desenvolver por todos os modos.

Olhem para o que se está hoje passando na nossa politica. Em seguida ao *ultimatum*, é chamado para os conselhos da corôa um novo ministerio — ministerio que tinha por missão resolver certas questões internas e a questão do conflicto anglo-portuguez.

O conflicto anglo-portuguez foi resolvido como todos nós sabemos. A Inglaterra não nos deu satisfação nem compensação de especie alguma, emquanto que dava de mão beijada á Allemanha, não só uma das mais ricas regiões da Africa equatorial, mas tambem a ilha de Heligoland, que é um dos primeiros pontos estrategicos do mar do Norte.

Quanto ás questões internas, é tambem o que nós sabemos. Augmento d'impostos, sem ser acompanhado d'um unico projecto de diminuição de despesas — porque só Deus sabe quantas despesas inúteis, quantas verbas irratorias, possui o nosso orçamento —; augmento de despesas de guerra; augmento de despesas coloniaes; e a criação d'um novo ministerio d'instrução publica e bellas artes, cujo titular ainda não apresentou a sombra d'uma reforma.

Se a reforma apparecer, já de ante-mão se pode calcular o que seja...

O novo ministro da instrução publica é um filho da Universidade de Coimbra — é o *bacharel* triumphante, chegando a deputado e a ministro em menos de seis annos, graças aos artificios de rhetorica e de palavreado, de que Coimbra tem a especialidade.

De modo que ainda teremos por largos annos a pezar sobre o nosso ensino, o espirito retrogrado da Universidade, com toda a sua avariada philosophia e todo o seu latinismo de sachsistão.

E nem um passo se ha de dar para a reforma da instrução em Portugal, porque, ou o ministro não ha de querer faltar ao respeito á Universidade que o fez, ou o conselho superior de instrução publica lh'o não ha de permitir.

E comtudo, uma das innovações mais urgentes e que ultimamente foi introduzida no ensino francez — é sem contestação a organização da educação physica, occupando nas escolas, lyceus e universidades, uma parte tão importante como a educação intellectual.

Mas para que esta innovação se faça — innovação que tem calorosos adeptos como, por exemplo, o illustrado presidente da camara municipal do Porto — o essencial é não pensar na intervenção do Estado, por muitas razões, das quaes as principaes são as seguintes:

- Tudo quanto o Estado faz é mal feito.
- Tudo quanto o Estado faz é carissimo.
- E o Estado está pobre.

Tratemos pois de apellar para a iniciativa particular, e principalmente para a iniciativa municipal.

Nós precisamos desenvolver em Portugal o gosto pelas armas e por outros exercicios physicos, como a gymnastica, a equitação, as corridas a pé, a natção, os remos, etc.

Algumas sociedades se tem formado n'este sentido, como as sociedades navaes, de esgrima, de gymnastica, de tiro, etc. Mas todas vivem isoladamente, algumas uma vida mediocre, e sem saberem como progredir e como desenvolver-se.

Se realmente nós queremos educar a nossa mocidade para o que der e vier, preparando-a para a lucta, acostumando-a a encarar a guerra como o phantasma mais insignificante d'este mundo de lucta constante em que vivemos — precisamos propagar e desenvolver a educação physica.

Todos quantos frequentaram os lyceus sabem o que por lá se faz nas horas de intervalo de cada aula. O lyceu de Lisboa pode servir d'exemplo, porque ainda é hoje o que era ha quinze annos, quando eu o frequentei.

D'uma para outra aula havia muita vez intervallo d'uma hora. Como no lyceu não houvesse uma sala d'estudo conveniente, nem uma sala de leitura, nem uma bibliotheca, passava-se o tempo pelas tabacarias da visinhança, ás vezes ia-se até á rua das Pretas beber licores e aguardente e comer *isacas*, ou então ia-se namorar para o Passeio publico, n'esse tempo ainda com grades.

Ora imaginem que na cerca do lyceu havia uma installação para exercicios gymnasticos, uma carreira de tiro e uma sala de esgrima, como ha em tantos estabelecimentos de instrução no estrangeiro. Parece-me que a minha geração, esta geração de 30 annos a que pertenco, teria outros musculos, outra energia, outro caracter: e não teria o osomago arruinado pelas *isacas* da taverna de gallegos, e pelos copinhos de licor e aguardente do armazem de destillação da rua das Pretas!

Não pensemos no Estado para a introdução e propagação da educação physica em Portugal.

O Estado, que tem de dar ouvi'os a todos os conselhos superiores e de consultar todas as estações competentes de cada vez que queira innovar, não é a força que nos convém para semelhante reforma.

Só devemos pensar na iniciativa particular, e principalmente na iniciativa municipal.

Que cada chefe de familia, se quer ter solidos e energicos descendentes, faça o sacrificio pecuniario de mandar seus filhos para as salas d'esgrima, para as carreiras de tiro e para as associações navaes.

E que os municipios, não só os das grandes cidades, mas os das villas, tratem de organizar concursos, estabelecendo premios para os jogos e exercicios mais adequados a cada região.

Assim, por exemplo, o municipio d'uma cidade como Leiria o.á. ha em permanencia um corpo do exercito, pode, com o auxilio dos officiaes, organizar um grande concurso de tiro, a que concorrem todos os atiradores do districto. O dia do concurso pode ser combinado de maneira que seja na vespera ou no dia immediato ao d'uma festa religiosa da terra, a mais importante do anno. E assim, para compensar o sacrificio pecuniario dos premios, á cidade virão forasteiros de todos os pontos, o que será de grande proveito para o commercio.

Um municipio, como o de Alcobaca pode organizar grandes regatas na bahia de São Martinho do Porto, escolhendo para essa festa a semana que segue á das festas da Senhora da Nazareth, e atrahindo a São Martinho todos os banhistas das Caldas e da Praia.

Assim animados e comprehendidos os exercicios ao ar livre, nos quaes tomarão parte os estudantes de cada districto, em menos de cinco annos teremos introduzida em Portugal a educação physica, e teremos rapazes que servirão para mais alguma coisa do que namorar na Avenida, perder os patrimonios nas casas do jogo do Arco Bandeira, e dizer banalidades de todo o calibre nas sessões de São Bento.

Mas pelo amor de Deus, não esperem nada da iniciativa do Estado. « Qualquer iniciativa gasta um governo! » — disse ainda ha pouco em pleno parlamento o sr. Serpa Pimentel. Ora como o governo se quer conservar no poder — o governo não fará pela educação da mocidade portugueza...

MARIANO PINA.

ANTHOLOGIA

*Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra do seu doce pensamento,
Tões queixas espalhava ao leve vento,
Co'um brando suspirar d'alma sahido:*

*A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sou menos ouvido.*

*O' bella Nympha, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto m'encareces?
Porque queres que sempre me querelles?*

*Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co'o mal cresce a causa delle.*

CAMÕES.



O POEMA DO AMOR

Oh! quem me ali dissera
Que de amor tão profundo
O fim pudesse ver eu alguma hora!
CABRES.

I

Eu nunca tinha amado por tal forma;
Nunca sentira o amor enfervescido,
Que as almas vence e os corações transforma.

Tinha vivido num perpetuo olvido,
Tinha adivido aos ventos o presente,
E do futuro, antes de crêr, descrevido.

Ha muito já chorára e longamente
As sanctas illusões do meu passado,
As chimeras do espirito doente.

Eu julgava-me forte e preparado
Para lutar com toda a desventura,
Para ferir batalhas com meu fado.

Tinha uma formidável armadura
Feita de força e feita de experiencia,
Que me torjára o horror da sorte dura.

Todos os feros golpes da existencia
No pavez da vontade os aparava,
E era indomavel minha resistencia!

Nunca a minha alma fôra um dia escrava;
Nunca o meu coração fôra sujeito;
Só o que devia ser amado — amava.

No recondito fundo do meu peito
Abrigava uma dôr intensa e rude,
Que ha muito o tinha invulneravel feito.

Se o soffrimento pôde ser virtude,
Eu era virtuoso, pois soffria
Todo o pezar que a dôr no gesto mude.

E a minha dôr já quasi era alegria!
Pois de tal sorte a estava alimentando
Que unicamente d'essa dôr vivia!

Quer estivesse rindo, quer chorando,
Sempre ella vinha da alma ao pensamento,
Todos os meus sentidos dominando!

II

E esphacelou-se tudo n'um momento!
Vi com pismo ruir, uma por uma,
As causas da alegria e do tormento!

Nada que o nosso espirito presuma
Ser de inteira firmeza e segurança,
Nada tem segurança e é firme em summa.

Pezar da minha lúcida esquivança,
Em dia escuro tu me appareceste,
E nova luz raioi-me de esperança!

Incomparavel magoa que me deste!
Tu transmutaste toda a dôr num riso
Com as blandícias ternas que tiveste!

Eu no passado proximo diviso
Ainda toda a luz que derramaste
Pelo meu momentaneo paraíso!

O nosso céu de estrellas esmalhaste,
Cobriste o nosso thalamo de flores,
E de velludo o solo alcatifaste!

De noite vinham rúbios Amores,
Armados com as delicadas setas,
Adornadas de plumas multicores,

Entoar as canções do amor, secretas,
Lhando os nossos corações amantes
A's estrophes de incognitos poetas!

Havia como glorias deslumbrantes
Na aurora em fogo do fatal desejo,
E apothicoses d'almas, fulgurantes!

E afastando p'ra longe todo o pejo,
Os nossos labios trémulos cantavam
Os duetos da opera do beijo!

Que loucura de amor! Como ficavam
Nossos abraços um do outro á espera,
Nos momentos em que não se abraçavam!

Que loucura de amor! Fulva chimera
Nos mergulhava em sonhos a alma anciosa,
Deixando-a como, em plena Primavera,

Deixa o frescor da noite a fresca rosa:
Tanto de orvalho em perolas unvida,
Que parece nas pétalas chorosa.

Dando amor por amor, vida por vida,
Beijo por beijo, abraço por abraço,
Nossa existencia estava em luz fundida!

Nossas vidas, ligadas n'um só laço,
Tinham-se confundido por maneira
Que andavamos os dois n'um mesmo passo!

Tinhamos uma unica, ligeira,
Ligeira e vaga percepção do mundo
Que nos atira na paixão primeira.

Rugia em torno o pélagio iracundo
Das explosões da cholera e da ira,
E da raiva e da inveja o odio profundo!

Nunca um extasi egual o mundo vira,
Semelhante paixão não vira nunca,
Nunca ninguém um tal amor sentira!

E' como o rijo vento arvores trunca,
Tentou truncar as flores d'esse affecto,
Cravando-nos no peito a garra adunca!

Não poudes ter o gosto seu dilecto:
Babujou-nos, — laviamo-nos da baba,
Foi o nosso triumpho então completo.

III

E tudo desabou, como desaba
Para o tumulto a vida transitoria!
Quanto mais forte o amor, mais preso acaba!

Ha de ser esta sempre a eterna historia:
Sol explosindo em rapido caminho,
Deixando apenas trevas na memoria!

Ave de amor! abandonaste o ninho!
Eu, que te vi o coração de perto,
Julguei-o todo plumas, todo arminho;

Vejo-o o longe melhor: — todo coberto
De bolor, e tombar n'um fundo abysmo!
Como é triste prever teu fado incerto!

IV

Agora, só commigo, scismo, scismo:
D'aquelles sonhos de felicidade,
D'aquelle amor no horrivel cataclysmo —

Sómente resta a pallida saudade!

FRINTO DE ALMEIDA.



AS NOSSAS GRAVURAS

CORRIDA DE CAVALLOS

O Grand-Prix de 1890

Um dos espectaculos parisienses que todos os annos mais curiosidade desperta em toda a Europa, e attrae ás margens do Sena os felizes e os ricos *sportmen* de todos os paizes, é o *Grand-Prix*, a famosa corrida de cavallos que se realiza no segundo ou no terceiro domingo de junho, no hippodromo de Longchamps, e que este anno se realizou no domingo 15 de junho findo.

Todos os annos a *Illustração* tem informado os seus leitores dos resultados d'esta festa parisiense, em que entram sempre em concorrência os cavallos dos principaes proprietarios de França e da Inglaterra.

Esta lucta entre francezes e inglezes é sempre renhida, e de cada vez que um cavallo inglez ganha o *Grand-Prix* de Paris, a imprensa da Grã-Bretanha dá ao acontecimento cavallar as proporções d'uma victoria, mais gloriosa para os brios britannicos do que qualquer victoria diplomatica ou militar. O inglez chega a considerar mais importante o triumpho de um cavallo no hippodromo de Longchamps, do que uma conquista dos exercitos de Sua Graciosa Magestade, no Sudão...

Nos ultimos annos os cavallos inglezes tem sido sempre vencidos em Longchamps. Ainda este anno a victoria coube a um cavallo francez, o *Fitz-Roy*, do barão Schickler.

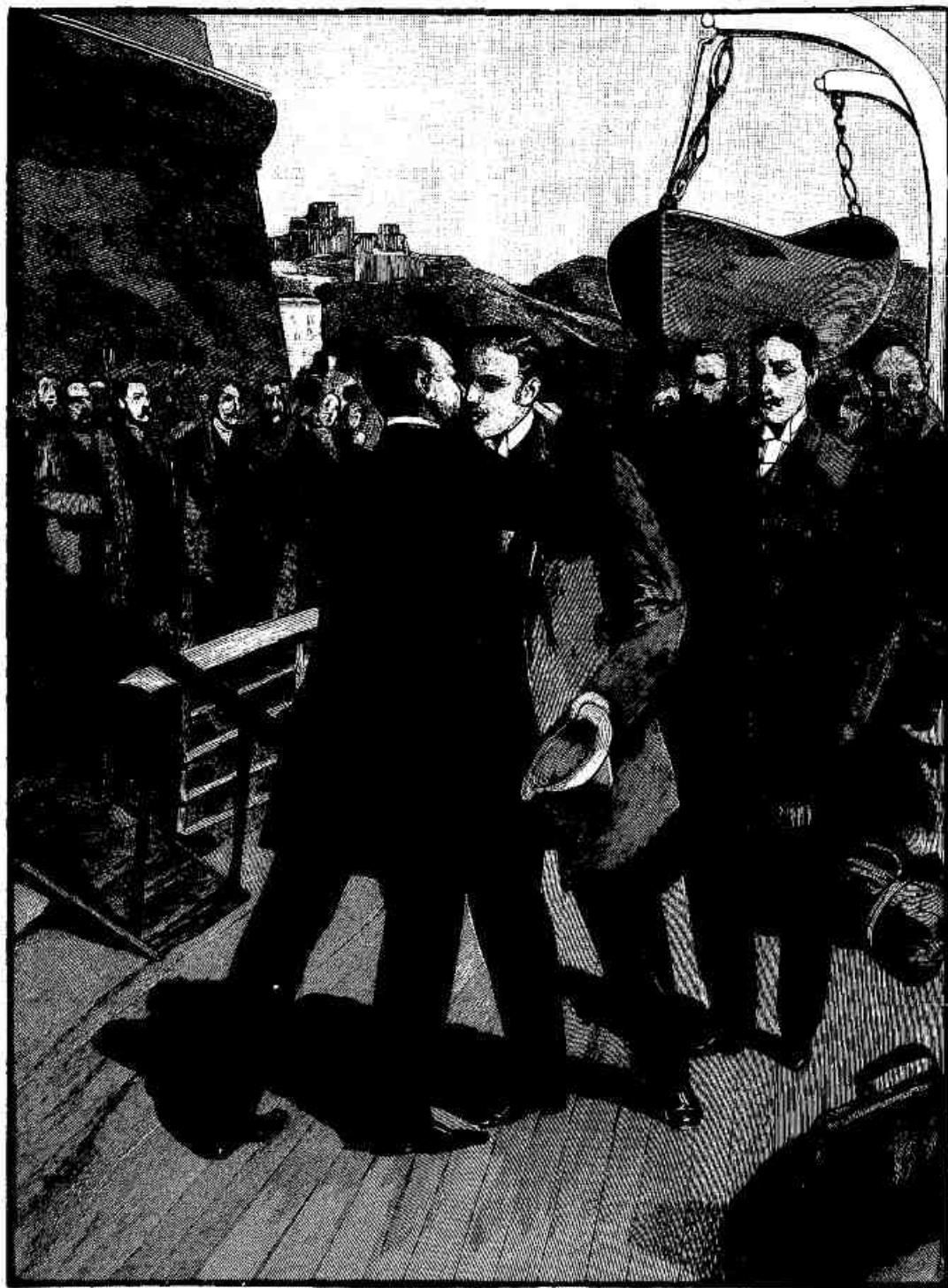
A nossa primeira pagina representa a chegada de *Fitz-Roy* no momento em que attinge a meta. Vinha seguidamente um cavallo italiano o *Fitz-Hampton*; logo atraz o favorito inglez *Old-Fellow*; e depois um cavallo francez, o *Miraban*, do sr. Aumont. Este sr. Aumont ha de permitir que lhe digamos que tem pouco respeito pelos nomes da historia de França. Dar ao seu quadrupede o nome do grande tribuno da Revolução franceza; d'aquelle que disse ao marquez de Dreux-Breilh: *Va dizer a seu amo (Luis XVI) que estamos aqui pela vontade do povo, e que só havemos de sair pela força das bayonetas* — dar a um cavallo este nome glorioso da historia do século XVIII, hão de confessar que é levar muito longe a estima e a admiração pelos quadrupedes. Se assim continuarmos os dous e cavallos, quem ha de prohibir amanhã que um outro proprietario passe a chamar aos seus animaes: — *Napoleão, Balzac, Victor-Hugo*?... Senhores proprietarios. Mais um bocadinho de respeito pelos nomes historicos!

Este anno em Longchamps — muito sol; deslumbrantes *toilettes*; uma multidão consideravel que tornava impossivel a circulação tanto na *pelouse* como na *pesagem*; uma receita que subiu a 80 contos e excedeu o contos a do anno passado; entradas de apostas officiaes no *pari mutuel* de cerca de 500 contos — eis em breves linhas a physionomia d'esta extraordinaria festa, onde, como vêem, o dinheiro corre a rôdo.

Os favoritos eram o *Nord* e o *Wandora* que os *sportmen* haviam coberto de oiro. Imaginem pois a cara dos jogadores, quando *Fitz-Roy* com que poucos conhecedores contavam, apparece triumphador, deixando *Nord* e *Wandora* a perder de vista. E'a primeira vez que o barão Schickler ganha o *Grand-Prix* de Paris, ou sejam 30 contos de reis, fôra as apostas que o proprietario tomou particularmente sobre o seu cavallo.

Dia esplendido. A volta de Longchamps foi este anno maravilhosa; e ainda nos bailam diante dos olhos todos os aspectos encantadores d'esta volta desde Longchamps, passando pela Avenida das Acacias, Avenida do Bosque de Bolonha, e descendo pelos Campos-Élysees.

Espectaculo assombroso de luxo, de elegancia, de prazer e de alegria, como Paris e só Paris é capaz de offerecer ao mundo.



O CONDE DE PARIS ABRAÇANDO SEU FILHO O DUQUE D'ORLÉANS, DE VOLTA DA PRISÃO EM FRANÇA. (Douvres 6 de junho de 90.)

S. A. O DUQUE D'ORLEANS NA PRISÃO DE CLAIRVAUX

Na noite de 3 de junho findo, depois de ter completado 117 dias de prisão, S. A. o duque d'Orléans, irmão de S. M. a Rainha de Portugal, foi mandado pôr em liberdade, por uma graça especial do Presidente da Republica Franceza, sr. Carnot.

Como noticiámos em tempo aos nossos leitores, — o duque d'Orléans, apenas attingio a idade em que todo o mancebo francez se deve apresentar para o serviço militar obrigatorio, não quiz dar maior importancia a lei que o exilou a elle e a seu illustre pae do territorio da Republica; atravessou a fronteira; e veio a Paris inscrever-se na *mairie* para cumprir com o seu dever de cidadão.

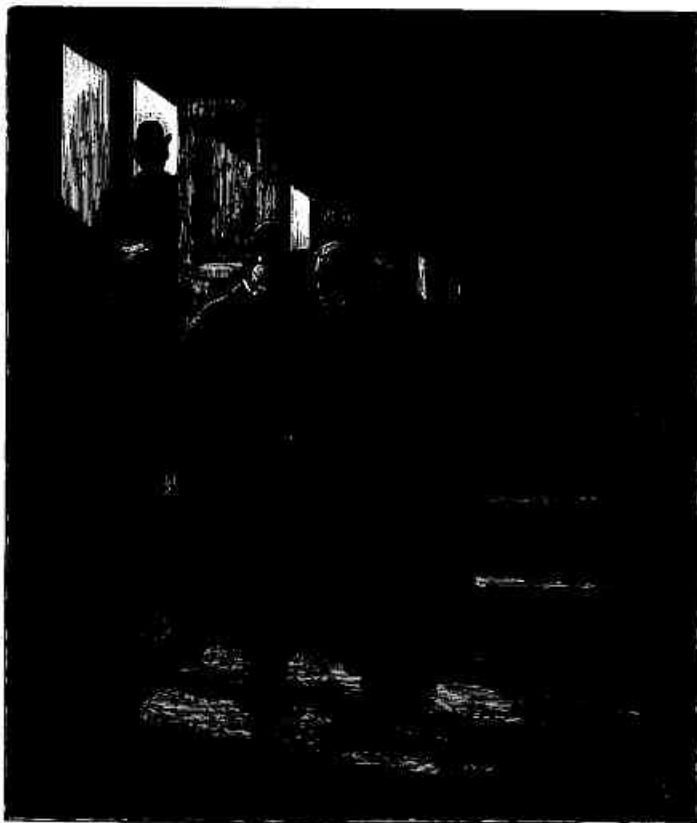
O ministro do interior apenas foi prevenido do facto, mandou-o prender; e o duque de Orleans, depois de encarcerado na Conciergerie e de passar em policia correccional, foi transferido para a penitenciaría de Clairvaux onde devia fazer dois annos de prisão, por desobediencia a lei do exílio.

O Presidente da Republica achou que cerca de quatro mezes do prisão era sufficiente castigo para um acto tão sympathico, posto que fosse ao mesmo tempo irreverencioso para a lei — e agraçou o condemnado no dia 3 de junho.

O preso foi extrahido da prisão na noite de 3 de junho, conduzido á estação do caminho de ferro onde passava ás 8 horas e 40 m. o expresso para a Suissa, sendo acompanhado até Bâle, onde chegou ás 6 horas e 35 m. da manhã, por dois policia francezes. Ahí foi-lhe dada inteira liberdade.

Da Suissa S. A. o duque d'Orléans seguiu para Bruxellas, acompanhado do seu particular amigo o duque de Luynes, que foi morar para Clairvaux durante todo o captivo do duque d'Orléans. Ahí foi recebido pelo rei Leopoldo, no dia 4, sendo-lhe dado no palacio um almoo em sua honra.

No dia 6 partio de Ostende para Douvres, onde seu pae o Conde de Paris o esperava no caes, acompanhado das altas notabilidades do partido monarchico francez. A nossa gravura representa o Conde de Paris, no momento em que abraça e beija seu filho. Logo atraz vê-se o duque de Luynes, o amigo inseparavel do duque d'Orléans.



O DUQUE D'ORLÉANS NA ESTAÇÃO DE CLAIRVAUX NA NOITE DE 3 DE JUNHO.



O DUQUE D'ORLÉANS NO JARDIM DA PRISÃO DE CLAIRVAUX.

Mais duas gravuras representam — o duque d'Orléans na estação de Clairvaux na noite de 3 de junho, entrando para o comboio que o ha de levar á fronteira, e despedindo-se do director da prisão; — e o duque d'Orléans no jardim da prisão de Clairvaux. Sobre a mesa vê-se o *Soleil*, o órgão do conde de Paris, de que é director o sr. Edouard Hervé, membro da Academia Franceza. A distancia vê-se o guarda que acompanhava sempre o duque d'Orléans.

Publicamos estas gravuras, não só porque S. A. o duque d'Orléans é irmão da nossa Rainha a senhora D. Amélia e muito conhecido na corte de Portugal — mas porque o seu procedimento é digno de todos os louvores. Quem arrisca a prisão para cumprir com o seu dever — quer seja por um impulso do coração, quer seja com um fim politico que considera justo e digno — é hoje em dia tão raro, que bem merece a nossa admiração e o nosso respeito.

O duque d'Orléans quiz provar aos homens que lucram pela causa monarchica, pela causa da familia d'Orléans, que não hesitava diante de qualquer sacrificio. Qual é o politico que lhe pode recusar applausos?

PARIS ARTISTICO. NO CAMPO DE MARTE.

O nosso collaborador Reichen mostra-nos uma reunião das cinco horas, quando se toma chá no salão de honra da exposição de bellas-artes do Campo de Marte. É uma pagina do mais pittoresco parisiensismo.

E' neste salão, que precede as salas da pintura, que se reúnem os artistas e as personalidades do mundo elegante. Principalmente nos sabbados estas reuniões, presididas pela illustre pintora e aquarel-



Última photographia de Eyraud, tirada na Europa.



Eyraud na prisão da Havana.



Última photographia de Eyraud.

CRIMINOSOS CELEBRES. — EYRAUD O FAMOSO ASSASSINO DE GOUFFÉ.

lista M^{me} Madeleine Lemerre, são muito concorridas.

O nosso collaborador collocou a grande artista, de pé, apoiada á cadeira onde está sentada sua filha, que é também uma aquarellista muito distincta. Sentado, animando a conversação, vê-se o pintor Gervex. A sua esquerda está M^{me} Jeanniot, sentada. E á esquerda e M^{me} Madeleine Lemerre vê-se Jeanniot, o conhecido pintor de assumptos militares.

Eis um aspecto d'estas scenas tão parisienses, d'estas reuniões semanais do *Salon du Campo de Marte*.

Entrando na sala III d'esta exposição do Campo de Marte deparamos com um bello quadro de Duez — *O café no terraço* — e que o nosso illustrador Ch. Baudé nos reproduz com a maestria que tanto o distingue.

Duez é um notavel pintor de genero, que os nossos leitores conhecem já, e é também um notavel aquarellista.

O quadro que hoje reproduzimos é uma scena viva da vida do campo, e que parece observada, tanta é a luz e a vegetação, n'algum sitio delicioso do nosso Portugal, — em Cintra, por exemplo.

Tudo respira o saço da *villegiatura*, o encanto dos campos, o descanso por alguns mezes d'esta ainda das cidades, febril, doentia e por vezes irritante.

CRIMINOSOS CELEBRES.
O ASSASSINO EYRAUD

Todos os jornaes de Portugal e do Brasil se tem occupado d'este famoso criminoso, que obrigou a policia franceza a correr atraz d'elle pela França, pela Inglaterra e pelas duas Americas, e que só foi apañado na Havana.

Eyraud, que andava em Paris sem dinheiro, aconselhou um dia a amante que desse um *reidejron* em sua casa a um procurador Gouffé que passava por muito rico, e por ter sempre valores importantes no seu escriptorio. O plano era embriagar Gouffé, matá-lo, tirar-lhe as chaves, ir roubar o escriptorio, fazer desaparecer o cadaver, e o assassino e a amante fugirem para o estrangeiro.

Tudo se realioou. Sómente Eyraud não encontrou o que esperava nas gavetas do procurador. Quanto ao cadaver, elle e a amante (Gabrielle Bonpard) metteram-o dentro d'uma mala de viagem, e exportaram para Lyon. Chegadas a Lyon, alugaram um carro, metteram a mala dentro, e foram deitá-la n'um riacho, em Millery.

O desaparecimento do Gouffé causou em Paris a maior sensação, e só depois de mil investigações e pesquisas é que se descobrio o cadaver, e se pôde seguir as passadas dos criminosos.

Eyraud e Gabrielle já estavam na America, não se sabia onde. Mas um dia surge Gabrielle em Paris, e vem revelar tudo á policia, accusando Eyraud de ter praticado o crime.

Depois de muitas pesquisas, Eyraud foi preso na Havana, e mettido na cadeia á disposição da policia franceza. Na cadeia tentou suicidar-se, cortando as veias do braço esquerdo. A nossa gravura representa-o deitado, com o braço esquerdo todo ligado.

Tambem damos a ultima photographia de Eyraud

que elle tirou na Europa, e a ultima photographia de Eyraud tirada na Havana.

Estas duas physionomias do assassino são dignas de serem meditadas, mostrando como em poucos mezes os remorsos, as privações, os sobresaltos, o medo de ser preso, a perspectiva da guilhotina, transformaram completamente o individuo.

E' mais uma cabeça que a guilhotina vac talvez brevemente cortar, e sobre a qual hão de cahir cheios de curiosidade e de interesse os medicos do Paris.

MEZES ILUSTRADOS. — JULHO

E' o mez das cerejas; e foram as cerejas que inspiraram o sr. Habert Dys para mais esta pagina dos mezes illustrados, em que nosso collaborador tem dado provas d'uma phantasia esplendida, o d'um grande gosto de composição.

Esta série tem sido muito apreciada dos leitores, e de muitos temos recebido cartas de felicitações, o que a todos agradecemos profundamente.

A illustração tem apenas por divisa — *cadit vez melhor*. E como o publico tem secundado os nossos esforços, não deixaremos um instante de tornar a nossa revista cheia de attractivos, formando assim a mais completa collecção de livros illustrados que existe em lingua portugueza.

SUCESSOS THEATRAES DE PARIS

O SONHO, novo bailado da Grande-Opera.

E' um novo bailado do sr. Edeardo Blau, musica do sr. Gastinel, que a Grande-Opera de Paris offereceu aos seus frequentadores.

A acção passa-se no Japão, e o assumpto é o Amor, o eterno Amor, causando surpresas, diabruras, choros, risos, raptos, tudo quanto em amor é capaz e não é capaz, assim no Japão como em Portugal, assim nas ruas de Yokosama, com nas ruas de Lisboa.

Com amor, lindos costumes, lindas scenographias, lindas bailarinas á frente das quaes vemos a celebre Rosita Mauri, e bella musica — imagine-se que bailado nos dá a Grande-Opera!

Uma ideia d'esta maravilha poderão fazer os leitores da *Illustração* pelo desenho de Adrien Marie, onde se vê a Rosita Mauri dancando um passo do 2.^o acto, que lhe vale sempre estrondosos applausos.

O VIUVO

N A ante-vespera de partir para a Europa o dr. Claudino, sem prevér o funebre espectáculo de que ia ser testemunha, foi despedir-se do seu velho camarada Tertuliano.

Ao approximar-se da casa, ouviu berreiro de creanças, e de mulheres e a voz de Tertuliano, que dominava de vez em quando o alarido geral, soltando, n'um tom estridulo e angustioso esta palavra: « Xandoca ».

O dr. Claudino apressou o passo, e entrou muito afflicto em casa do amigo.

Havia, effectivamente, motivo para toda aquella ruidosa manifestação de desespero. Tertuliano acabava de enviar. Havia meia hora que D. Xandoca, victima de uma febre puerperal, fechára os olhos para nunca mais abrí-los.

O corpo, vestido de seda preta, as mãos cruzadas no peito, estava collocado no canapé, na sala de visitas. A' cabeceira, sobre uma pequena meza coberta com uma toalha de rendas, duas velas de cera substituíam o bom e o mau ladrão aos dois lados de um crucifixo.

Tertuliano abraçado ao cadaver soluçava convulsivamente, e todo o corpo tremia-lhe como tocado por uma pilha electrica. Os filhos, quatro creanças, a mais velha das quaes teria oito annos, rodeavam-n'o aos gritos.

Na sala havia um continuo fluxo e refluxo de gente que entrava e sahia, pessoas de casa ou da vizinhança, chorando muito, e individuos que, passando na rua, ouviam gritar e entravam por curiosidade.

O dr. Claudino estava impressionadissimo. Cahira de soporão no meio d'aquelle espectáculo commovedor, e contemplava attonito o cadaver da pobre senhora que, havia quatro dias, encontrára na rua da Carioca muito alegre, levando um filho pela mão e outro no ventre, arrastando vaidosa a sua maternidade feliz.

Tertuliano, mal que o viu, precipitou-se-lhe nos braços, inundando-lhe de lagrimas a gola do casaco; o dr. Claudino estava atordado, cego, com os vidros do *pinçe-nez* embaciados pelo pranto que tardou, mas veio, discreta, reservadamente, como um pranto de quem não é da familia.

— Isto foi uma surpresa... uma dolorosa surpresa para mim, conseguiu dizer com a voz embargada pela commoção. Parto amanhã ás 3 horas para a Europa, no *Niger*... vinha despedir-me de ti... e d'ella... de D. Xandoca e... e vejo que... que... que...

E o dr. Claudino fez uma medonha careta para não soluçar.

— Dispõe de mim, meu velho, estou ás tuas ordens, bem sabes.

— Obrigado, disse Tertuliano, n'uma d'essas intermitencias que se notam nos maiores desabaços; o Rodrigo, aquelle meu primo empregado no fôro, já foi tratar do enterro, que é amanhã ás dez horas.

E Tertuliano, fazendo grandes esforços para reprimir a explosão das lagrimas, contou ao dr. Claudino todos os incidentes da rapida molestia e da morte de D. Xandoca.

— Uma coisa inexplicavel! Nunca a pobre creatura teve um parto tão feliz... a parteira não

esperou dez minutos... uma creança gorda, bonita... Está lá em cima, no sótão... has de vê-la. De repente uma pontinha de febre que foi aumentando, aumentando... até vir o delírio... mandei chamar o medico... quando o medico... quando o medico chegou já ella agonisava... d... va...!

E Tertuliano, prorompindo em soluços, abraçou-se de novo ao dr. Claudino.

No dia seguinte a scena foi dolorosissima. Antes de fechar o caixão, Tertuliano quiz que os filhos beijassem o cadaver, medonhamente inchado e decomposto. Ninguém reconheceria D. Xandoca, tão sympathica, tão graciosa, n'aquelle montão informe de carne putrida. Fecharam o caixão, mas Tertuliano agarrou-se a elle, e não o queria deixar sahir, gritando: — Não consinto! não consinto que a levem d'aqui! — Foi preciso arrancal-o á força, e empurrá-lo para longe. Elle cahiu e começou a rebolar no chão, soltando gritos nervosos. Três senhoras cahiram tambem com espectaculosos ataques. As creanças berravam. Choravam todos.

De volta do enterro, o dr. Claudino, comquanto muito atarefado com a viagem, não quiz deixar de fazer uma ultima visita a Tertuliano. Encontrou-o n'um estado lastimoso, sentado n'uma cadeira da sala de jantar, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no misero recém-nascido, que a um canto da casa mamava sofregamente n'uma preta gorda.

— Tertuliano, adeus. D'aqui a uma hora devo estar embarcado. Crê que, se podesse, addiava a viagem para fazer-te companhia; mas não posso. Adeus.

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

A's sete horas da noite, o dr. Claudino, sentado na coberta do *Niger*, contemplando as ondas, esplendidamente illuminadas pelo luar, pensava n'aquelle olhar vago de Tertuliano, n'aquelle adeus terrivel, e pedia aos ceos que o seu velho camarada não houvesse enlouquecido.

Mezes depois, a exposição de Paris atordoava-o, mas de vez em quando, lá mesmo, na Galeria das Machinas, no Palacio das Artes, ou na Torre Eiffel, voltava-lhe ao espirito a lembrança d'aquella scena desoladora do viuvo rodeado pelos orphãosinhos, e repercutia-lhe dentro d'alma o som d'aquelle adeus pungente e indefinivel.

Interessava-se muito por Tertuliano; escreveu-lhe um dia, mas não obteve resposta. Pobre rapaz! viveria ainda? a sua razão teria resistido áquelle embate supremo?

Depois de um anno e quatro mezes de ausencia, o dr. Claudino voltou da Europa e a sua primeira visita foi a Tertuliano, que morava ainda na mesma casa.

Mandaram-n'o entrar para a sala de jantar. Tertuliano estava sentado n'uma cadeira, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mais pequenito, que esava muito esperto, e brincava no collo da preta gorda.

— Tertuliano! murmurou o dr. Claudino.

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

Depois, dir-se-hia que se fizera subitamente a luz no seu espirito embrutecido. Elle ergueu-se

de um salto, gritou: — Claudino! — e atirou-se nos braços do amigo, exclamando entre lagrimas:

— Ah! meu amigo! perdi minha mulher!...

— Sim, já sei, mas já tinhas tempo de estar mais consolado... Que diabo! se homem! já lá se vão quatorze mezes!...

— Como quatorze mezes?! Seis dias...

— Ora essa! pois não te lembrás que eu acompanhiei o enterro de D. Xandoca?

— Ah! tu fallas da Xandoca... mas ha tres mezes casei-me com outra... a filha do major Seabra, e ha seis dias estou viuvo... vo!

E Tertuliano, prorompindo em soluços, abraçou-se de novo ao dr. Claudino.

ARTHUR AZEVEDO.



PTYCHOTIS, Victorin, Ultra-Violet, etc.
CHAUSSÉE D'ANTWERP, 107, PARIS.
AGUA DA COLONIA REAL, perfumada
essencia de ylang-ylang e essencia de rose de
SABONETE DULCIFICADO
De perfume inconfundível para a Toilete

O GRANDE MAESTRO

I

Na Infancia.

JULIO nascera para ser *alguem*.

Na viva expressão de seus olhos negros, na sua ampla fronte que a inspiração illuminava ás vezes como um relampago illumina a nuvem, na sua attitudão distraida ou reflexiva, como que procurava o quer que fosse de real ou analysava o sentido das coisas que passavam inadvertidas para o vulgo, qualquer poderia adivinhar que Julio era um sonhador, um artista.

Orphão e sem familia, vivia desde creança em casa de seu tutor, Alvaro de Medina, rico proprietario, viuvo e pae de Gabriella, creança que tinha a mesma idade que Julio, ladina como um diabrete e formosa como um anjo.

Alvaro passava a vida entregue aos seus negocios; uma preceptora cuidava das duas creanças, que se queriam como irmãos; tinham os mesmos mestres, os mesmos brinquedos, e se Julio acompanhava Gabriella nos passeios ao jardim, levando gravemente ao collo uma boneca, Gabriella trepava com Julio ás cerejeiras ou punha a barretina de papel e cingia o sabre de madeira, para commandar em batalha um exercito de soldados de chumbo.

Porém, de entre todos os brinquedos, Julio preferia um precioso violino com que ella o brindara em dia de annos. Oh! seguramente não o trocaria pelo sceptro d'um rei, nem pela espada d'um conquistador!

Como passavam as horas sem as sentir, apertando-o amorosamente ao peito e deslizando o arco sobre as cordas! Que immensa alegria, se lhe arrancava uma nota doce! Que desespero quando as cordas stringiam, como que zombando do musico inexperiente!

Quando ia deitar-se, deixava-o á cabeceira da cama, para que ao despertar o primeiro olhar fosse para elle. Nunca o avaro se preocupou mais com os seus thesouros. Dormindo, sonhava com o violino; acordado, não o perdia de vista.

Emquanto se entregava com todo o fogo da imaginação a esse primeiro amor das coisas que sentem as creanças, o tempo seguia o curso natural e tudo ia mudando em volta d'elle sem dar por isso.

Ahna, chegou o dia.

Gabriella entrou no collegio e Julio no Instituto. Foi este o primeiro pesar: separar-se de Gabriella e do violino!

Só a ave captiva na gaiola pode comparar

as suas tristezas com a das creanças quando entram nos collegios. Os primeiros dias são amargos, mas por fim acostuma-se, — a ave canta e a creança ri. Ainda assim, com que ansiedade se esperam as férias.

Quando chegavam esses sonhados dias, Gabriella e Julio tornavam a casa, ella corria ás suas bonecas, e elle, abraçado ao violino, rentava-se á sombra d'uma arvore no bosque dos loizeiros e ali passava horas esquecidas, até que Gabriella, cansada de armar e desarmar a sua casinha ambulante, fosse pé ante pé buscal-o, ou escondendo-se entre os arbustos espalhasse sobre elle uma repentina chuva de folhas e flores, que o obrigavam a levantar e ir agradecer com um beijo a sua turbulenta tentadora.

Assim, decorrendo o tempo, veio a epocha dos estudos graves.

Julio resolveu formar-se em direito, para condescender com o tutor, e foi para a Universidade. Estudou, em estranho consorcio, musica e leis, e em honra da verdade digamos que estas foram pouco amavelmente tratadas. Mas, se ao concluir o curso era um mau doutor, em compensação era um excellente musico, que causava o orgulho dos professores.

O violino de feira, prenda de Gabriella, fôra substituido por um magnifico Stradivarius, e aquelle joven musico tinha já vencido todas as difficuldades da execução, prometendo ser uma estrella de maior grandeza no céu da arte.

Por isso, quando Julio tocava no bosquesinho de loizeiros, Gabriella, que era já « uma senhora », não o interrompia atirando-lhe punhados de flores, mas adiantando-se pouco a pouco entre as arvores, escondia-se por entre as heras e, muito quieta, escutava com os olhos, os ouvidos, toda a alma. Algumas vezes succedea que os seus ouvidos julgaram ouvir, entre as notas, não sei que coisas que a perturbavam deliciosamente; que os seus olhos, sem saber por que, se majavam de lagrimas, e a sua alma inteira vibrava como as cordas do violino sob a pressão do arco.

II

Em demanda do ideal

Julio trouxe da universidade alguns livros que nunca chegou a folhear, — a legislação agastava-o, — e muitas partituras que devorava com febril ansiedade.

Que procurava naquellas horas de estudo, comparando escolas, admirando segredos de composição, aspirando por todos os poros da alma os sublimos effluvios da arte?

Ouam! o nos seus frequentes monologos, quando descansava o violino nos joelhos e a cabeça lhe decaia nas mãos, olhos cerrados, peito palpitante, entrando pela porta de ouro no paiz dos sonhos creado expressamente para os artistas.

— Sim, sim... Ha o quer que seja que não comprehendo e é como a alma da musica... uma coisa que fusila nas alturas do Genio e me faz pensar na nuvem ardente que envolvia Jehovah no Sinai. Vencer as difficuldades da execução não é nada. Pôr o sentimento em cada nota, fazer vibrar nas cordas os ais da paixão, os gritos do enthusiasmo, os quicxumes suavissimos do amor... E'isso a arte! Que maestro pôde indicar-me o caminho do ideal? Não! não sou artista... nunca o serei!

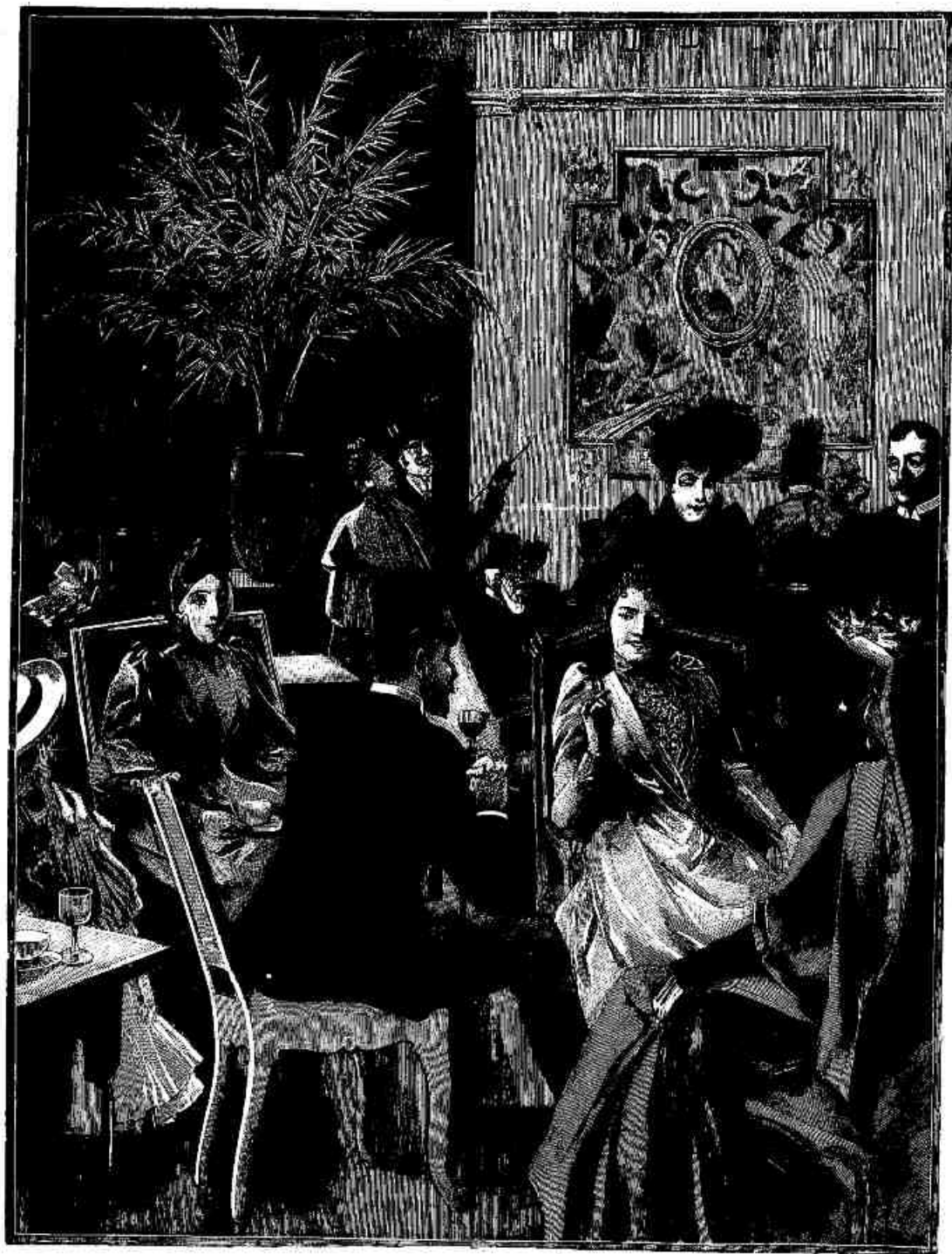
E, vencido, desalentado, deixava deslizar o violino até aos pés.

A voz de Gabriella despertava-o d'este doloroso lethargo.

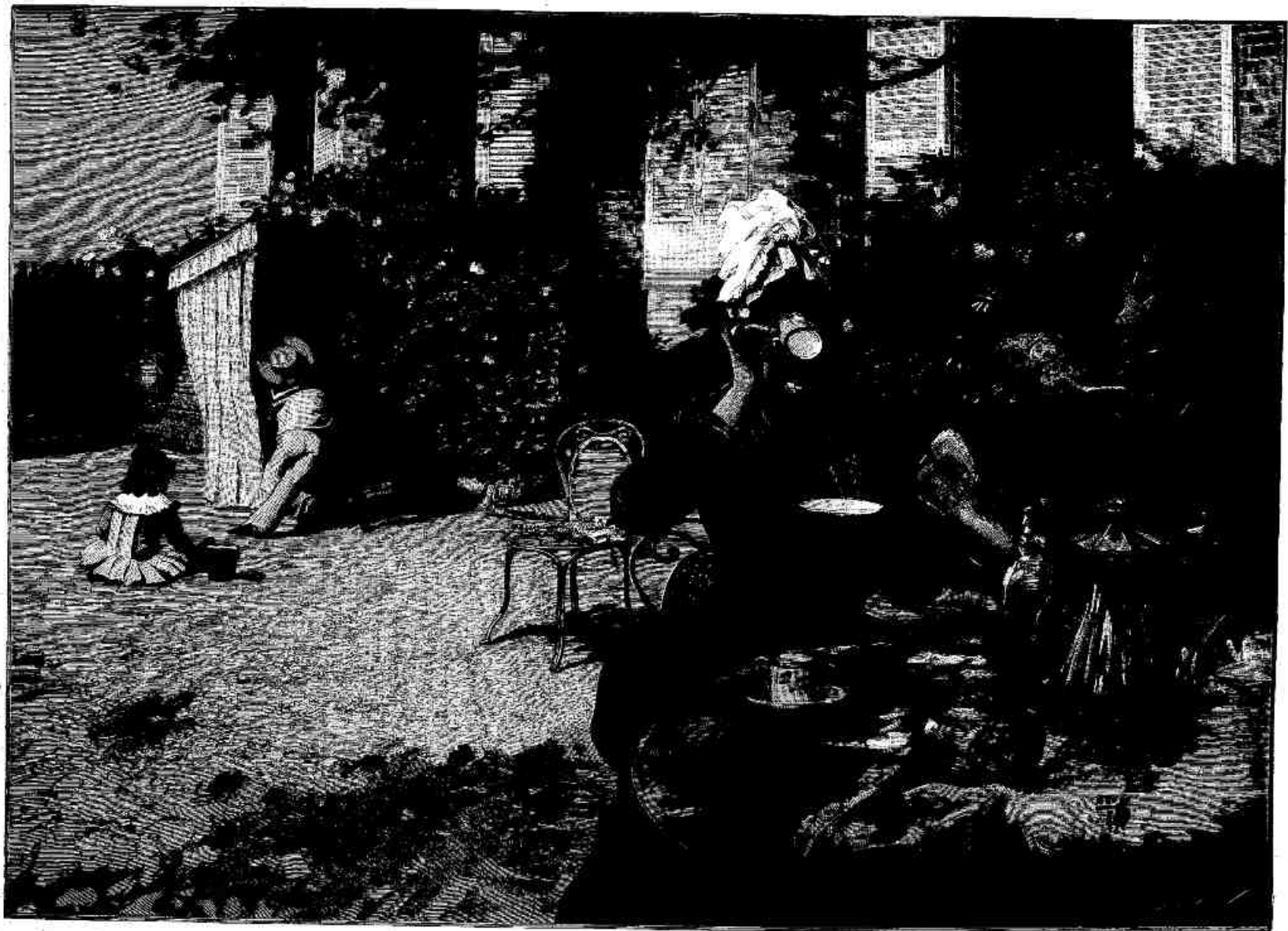
Então, o sorriso voltava aos labios, a frente desanuavea-se-lhe e o enamorado olvidava os pesares do artista.

Porque Julio e Gabriella amavam-se com o purissimo amor dos anjos.

Aquellas almas, crescendo juntas, tinham-se confundido n'uma só, e ao chegar á sua primavera, o amor que formia em seus corações des-



PARIS PITTORESCO. — UM FIVE O'CLOCK NO SALÃO DE HONRA DO SALÓN DO CAMPO DE MARTE.



O CAFÉ NO TERRAÇO. — QUADRO DE DUEZ. [*Salon do Campo de Marte. — Paris, 1892.*]

perdo subindo em fervente onda de ternura até seus lábios, convertido em doloisissimas palavras, e a seus olhos em lagrimas ainda mais doces.

O tutor approvava esses amores e por conseguinte nada turbava a tranquillidade dos dois enamorados, que viam approximar-se, sorrindo, o dia do seu noivado.

Uma ligeira nuvensinha ensombrou por breve tempo o céu da sua felicidade.

Gabriella esteve uns dias doente, e a cerimonia addiuse-se.

Foi breve, porém. Restabeleceu-se dentro em pouco. Ficou um tanto oppressa do peito, com ligeira tosse e umas manducositas rosadas, quasi imperceptiveis, nas faces; nada ou quasi nada.

Durante a sua enfermidade, Julio tocava ás vezes violino para a distrair, mas os seus prodigios de execução não tinham tanto poder sobre a enferma, como uma palavra, um olhar do eleito da sua alma.

Um suspiro, um sorriso bastava para que o arco se desviasse das cordas e para que as melodias arrancadas ao violino succedessem ás melodias fulladas dos dois amantes.

Chegou o anhelado dia do noivado.

Gabriella e Julio entraram n'esse paz de amor, que se chama lua de mel, paz que para elles devia ser eterno porque não havia em seus corações uma só prega em que podesse occultar-se a serpente.

— Tenta ventura assusta-me! dizia ás vezes Gabriella.

— Porque?

— Porque aguilhões as alturas da felicidade e receio cair.

— Cair? Oh, não!... replicava Julio, riado.

— Não rias... Assaltam-me ás vezes subitos medos, pressentimentos de males desconhecidos.

— Creança?

— Gré-me, Julio, a ventura não é completa no mundo. O receio de a perder é uma gota de fel, que amarga.

— Nunca imaginei que tivesses queda para romantica.

— Nem o sou... E' que te quero tanto!

— Então, dissipa esses sonhos pueris que te impedem de gozar tranquillamente o nosso amor. Faz como eu. Meus sonhos de gloria, meus ideaes de artistas olvidaram-se e esqueceram perante a tua affeição. Que me importa a gloria? Ha outra, além do ver teus olhos? Que me importa a arte? Ha rythmo mais doce que a tua voz, quando me dizes: « Amante! » Não sejas creança; esquece essas visões. Sejamnos felizes!

— Que fizemos para o ser?

— Amar-nos, amar-nos muito. Parece-se pouco?

E Julio fechava os lábios de Gabriella com um beijo.

Aquelle violino, aquelle magnifico Stradivarius que por tantos annos estivera no peito, pretendendo debalde infiltrar-lhe e arrancarlhe das cordas a voz que sentia irromper d'entre as suas nervosas palpitancias, jazia pendente da escapula doirada no seu quarto nupcial e coberto de ligeira camada de pó.

Uma vez, poucos dias depois de casado, fitou por acaso o instrumento, seu amigo inseparavel de outros tempos.

— Pobre violino! exclamou com um sorriso. Pensava que me auxiliarias a conquistar os louros do artista... e substitui ambos a grande montanha do Ideal... Pateta! julgava-me longe, e o ideal estava a meu lado, rindo-se dos meus loucos desvarios... Sim, Gabriella! o ideal é a ventura, a felicidade que nasce do amor!

E o pobre violino de novo ficou olvidado.

III

O grande maestro

Um anno apenas tinha decorrido, e os estranhos pressentimentos de Gabriella iam tomando corpo e ameaçando breve e terrivel realisação.

Assim como nas trovoadas do outomno se vê

às vezes uma nuvensinha apenas imperceptivel, branca e leve a principio, crescendo logo com rapidez espantosa e alagando-se nas azas d' furação que convulsiona o espaço, inunda a terra de torrentes golphadas de seu pesado seio; assim a pequena nuvem que ameaçava os dois esposos fôra primeiro a oppressão do peito, a tosse ligeira, a roseta das faces, e logo avançando rapidamente obscureceu o céu tranquillo d'aquelle rosto, com as negras nuvens do luto e da desolação; Gabriella estava condemnada pela sentença d'uma enfermidade mortal: a phthisica.

Invençivel languidez quebrantou aquelle formoso rosto. Aquelles olhos bellissimos olhavam Julio com expressão tão desesperada, meiga e triste, que elle fazia esforços sobrehumanos para conter as lagrimas.

Approximava-se o outomno. A enfermidade fazia terriveis progressos.

Gabriella entrava no tristissimo periodo das illusões.

Sentada em larga poltrona, envolta em rica bata de readas, os pés mergulhados na pelle de urso e a cabeça ligeiramente inclinada, Gabriella mais pallida mas mais formosa que nunca, estreitava entre as suas as ardentes mãos de Julio e do pag.

— Tragam-me todas as flores do jardim... Abram as gaiolas para essas pobres aves chegarem até mim... Como esta formosa a tarde! O outomno!... Que suaves matizes, que jorros de luz e de cor!... As folhas dos parreiras avermelham antes de cair, as ramagens dos alamos tornam-se cor-de-ouro... Oh! quanto desejo que chegue o inverno!... Iremos correr no parque, sobre a neve... os tres, porque tu, papá, acompanhais nos, sim?... E quando vier a primavera... oh! então iremos Italia... Julio prometteu levar-me á Italia...

Declinava a tarde.

Gabriella perdia as forças.

O pai e Julio choraram silenciosamente, para não perturbar o torpor em que jazia a enferma. Para que carregar o quarto de mais tintas?

Gabriella expirou. Sua alma voou para o céu como uma nota desfrida pela harpa. Entre os braços do pai e do esposo, ficava só um corpo inerte, bello ainda, poetizado pela morte piedosa.

Anoticeu. Noite tibia e perfumada como as que se gozam nos formosos céus dos paizes meridionaes.

A luz brilhava com esplendida luz entre as arvores do jardim, e um longo raio entrando pela janella aberta, arrancava chispas e brilhantes reflexos aos móveis doirados, e envolvia como n'uma aureola a infeliz Gabriella e Julio, que chorava a seus pés.

Alvaro recolhera-se ao quarto, quebrantado pela magua e pela idade.

As flores espathuladas em volta do leito funebre e a opaca luz da lampada japonesa pareciam voar aquelles desposorios da morte.

Que se passava no coração de Julio?

Não ha pena que possa descrever a desolação, a amargura, que a alma sente, perdendo um ser querido.

E quando, como Julio e Gabriella, se viveu só uma vida, se sentiu como uma só alma, então é ainda mais tragico, porque lembra a memoria uma das creações do grande poeta inglex: — o Rei Lear, fugindo pelas florestas, em noite de tormenta, levando a filha morta nos braços.

Que sentiu aquella pobre alma, que gritos de angustia estalaram aquelle espathulado peito, não é possível imaginar.

De repente, ergueu os olhos aos céus com expressão de intimo supplico, e, sem saber como, o olhar caiu-lhe sobre o violino, pendente da parede e coberto de pó.

Levantou-se como automato dos pés da morte. Avançou lentamente, tirou o instrumento, limpou as polverinhas cordas e apoiando-o ao coração, collocou-se em frente do cadaver...

Caiu o arco, soltando um ai! rouco e gemente, deslizou logo um queixume mais sentido e a alma inteira de Julio vibrou na caixa e nas cordas do violino.

Pallido, olhos finos na esposa adorada que parecia sorrir-lhe ainda além da morte, Julio, arrebatado nas azas veriginosas da inspiração, improvisava um canto funebre, amargo e ternas vezes, convulso e meigo outros, que teria feito estremecer de inveja e de enthusiasmo os mais celebres compositores.

Era como no mar. — immensa ondulação de sentimento que, explosão do seu coração dolentissimo, subia espalhava-se no ambiente em notas tristissimas orvalhadas de lagrimas.

Julio chegava impensadamente ao cume da arte, a essa altura phantastica que só attingem as azas do Genio, e em que não se toca sem se ter o peito lacinado pela magua, os pés mordidos pela calumnia e a fronte gotejando sangue sob a coroa do espinho.

Enfim, tinha encontrado no caminho da existencia o grande maestro... A dor!

A. CHACONNET.

A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT
 VERMELHA DE FORTES AS PULVERES BRANCA
 E EM ELA INDOCTO GERAL DE LA
UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT
 PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

Tratamento preservativo da vinha.

Trez doencas cryptogmicas maldram seria-mente os vinhedos fructuosos: o mildew, o black-rot e a anthracnose. M. de Dubor pensa que o melhor remedio que as podesta combater vantajosamente consiste n'um especie de bouillie bordelaise composta do 3 kilogrammas de sulfato de ferro, 3 kilogrammas de sulfato de cobre, 4 kilogrammas de de boa cal peneirada e 1000 litros de agua. Espalhas-se como a bouillie ordinaria, por meio de pulverisadores.

E preciso tratar bem cedo estas doencas; devem se começar as pulverisações proximo de 15 ou 20 de maio, se se quiser operar com utilidade. Dois outros tratamentos são necessarios, nos fins de junho e fins de julho. Se a doença do black-rot estraga com intensidade, se a temperatura é ao mes mo tempo quente e humida, approximam-se asepoca de tratamento: faz-se o segundo proximo do dia 15 de junho, e terceiro proximo do 10 de julho, acrescenta-se um quarto no começo do mez de agosto.

Os gahanhotos na Argelia

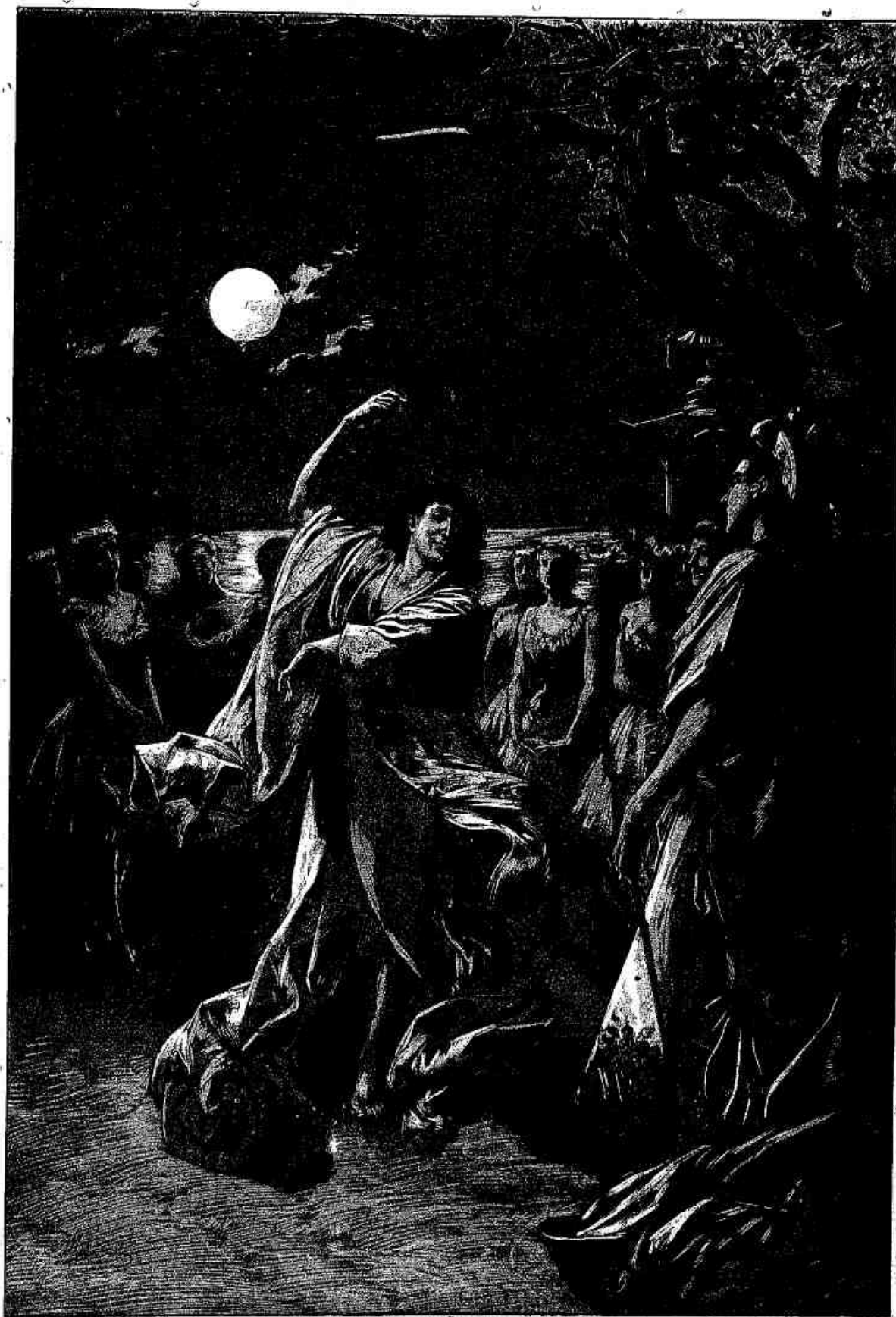
O sul do departamento d'Argelia e o sul do de Oran estão ameaçados d'uma grande invasão de gahanhotos. E' nas solidões de Serson que os gahanhotos possuem os seus ocos. Ainda que bastante imprevisita, esta invasão é combatida com energia. Actualmente os opparelhos cypristes são installados na villa de Penier-el-Haut sobre uma distancia de 75 kilometros, e sobre uma distancia de 50 kilometros na villa de Boghari; 5000 homens são empregados na destruição dos gahanhotos a Teniet-el-Aad e 3.000 em Boghari. Faz-se uma idea da quantidade de gahanhotos quando se souber que covas de 25 metros de comprimento sobre 2 de largura e 1m50 de profundidade foram cheias em menos d'uma hora. Apesar da inercia edo numero dos trabalhadores, teme-se que não sejam capazes de tudo destruir.

As kilometros de Teniet-el-Aad são ameaçadas as colheitas. O ponto mais exposto é Aissa-Oual, sobre a orla do departamento de Argelia. 15 kilometros de Teniet. Muitas colheitas foram destruidas n'este ponto.

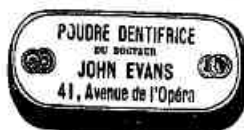


OS MEZES ILLUSTRADOS. — JULHO.

Composição de Habert-Dya.



SUCCESSOS THEATRAES DE PARIS. — O SONHO, bailado de Eduardo Blau, musica de Gastinel, representado na Grande-Opera.



A água nas habitações.

N'uma cidade da Escócia percebendo ha pouco tempo os habitantes que o consumo de agua nas ruas e casas padecia turvações notaveis, investigaram a causa das perturbações, e esta não tardou a ser descoberta sobre a forma de poço de trinta enguias fêmeas que tinham feito ninhos nos canos. Todas estavam cheias d'ovos e uma d'ellas devia, segundo os calculos, conter mais de 10 milhões ...

A navegação da India Inglesa

O movimento de navegação da India Inglesa com todos os paizes estrangeiros durante o exercicio fiscal de 1888-1889, findando no dia 31 de março, cleyou-se, segundo o relatório official de M. J. E. O'Connor, secretario do governo da India, a 101:85 embarcações, medindo 6,983:332 toneladas. Eis aqui para servir de comparação, as cifras alicientes do ultimo periodo quinquenal para todos os destinos:

Exercicios.	Numero de navios.	Toneladas.
1884-1885.....	10:338	6,494:770
1885-1886.....	10:562	7,264:389
1886-1887.....	10:584	7,112:103
1887-1888.....	10:893	7,189:463
1888-1889.....	10:484	6,983:332

Se se analisa, nos mesmos annos, só a parte da navegação a vapor, obtem-se os resultados seguintes:

Exercicios.	Sistema que transporta o vapor (com carga ou sem carga).	Toneladas.
1884-1885.....	2:084	4,332:181
1885-1886.....	3:263	4,759:770
1886-1887.....	3:222	4,740:834
1887-1888.....	3:190	4,883:494
1888-1889.....	3:240	5,068:302

Vê-se, por estes dois quadros, que a substituição do vapor á vela foi mais rapida em proporção que o augmento do movimento marítimo. Com effeito, de 1884-1885 a 1888-1889, o direito de toneladas no vapor augmentou-se de 736:181 toneladas, enquanto que o total da navegação não adiantou senão 333:562 toneladas.

Infectuosidade das carnes fumadas de animais tuberculosos.

Um recente trabalho de M. Forster demonstra que a carne proveniente de animais tuberculosos e fumada á moda ordinaria é ainda susceptivel de transmitir a tuberculose aos animais, pelo methodo de inoculação sub-cutanea. Esta conclusão é mais grave que a que defende as carnes salgadas, igualmente perigosas, porque não se comem geralmente senão depois de cozidas, enquanto que as carnes fumadas comem-se tal qual estão.

Os tiros de artilheria

Falla-se geralmente em tiros de artilheria, em peças do grande calibre, etc.; contudo a maior parte da gente ignora quanto custa ou pôde custar um tiro feito com qualquer d'esses canhões ou obuzes cujas qualidades maravilhosas se elogiam em toda a parte.

Sabem, por exemplo, quanto custa um tiro d'uma peça de artilheria de marinha de 110 toneladas? A conta redonda é de 4.160 francos (6658 600 reis), o que, a 4 por 100, corresponde ao rendimento annual d'um capital de 104.000 francos (10.400.000 reis).

Esta somma decompõe-se assim:	
Pólvora 450 kil.....	1:900 fr.
Projectil.....	2:175 "
Envoltório do cartucho.....	65 "
	4.160 fr.

Mas não fica aqui. A peça de 110 toneladas não supporta, ao que parece, mais de 95 tiros, quer dizer, depois d'esse numero de tiros torna-se incapaz e necessita concertos. Ora, sendo o preço d'esse canhão 412.000 fr., o custo dos estragos a cada tiro equivale a 4.340 fr., o que sommando com o preço da carga, eleva este a 8.500 francos (1.360.000 reis).

Assim, quando se dá um tiro de peça de 110 toneladas, vai pelo ar o rendimento d'um capital de 212.500 francos (34 contos!).

Comparando canhões de calibre inferior, vê-se, segundo os mais rigorosos calculos mathematicos, que cada tiro d'uma peça de 67 toneladas (cujo preço é de 250.000 francos e que se gasta no fim de 127 tiros) custa 4.000 francos (736.000 reis); da mesma sorte o canhão de 45 toneladas, ao preço de 157.000 francos e inutilizado ao fim de 150 tiros, occasionará uma despesa de 2.450 francos (392.500 reis) por cada tiro.

Novo vidro vermelho

Uma especie de vidro vermelho acaba de apparecer na Allemanha, e merco que se faça d'elle menção. Serve já nas manufacturas d'este paiz para fabricar garrafas, copos e vasos de formas diversas; pode ser applicado aos usos da photographia e nos laboratorios dos chimicos e dos opticos.

Este vidro é fundido n'um cadinho descoberto, exposto ao ar livre; e é produzido, segundo a *Revue de chimie Industrielle*, pela mistura das substancias seguintes:

Areia finamente pulverizada.....	2000 partes
Oxido vermelho de chumbo, mínimo.....	400 "
Carbonato de potassa.....	600 "
Cal.....	100 "
Phosphato de cal.....	20 "
Grême de tartro.....	20 "
Borato de soda.....	30 "
Oxido vermelho de cobre, protoxydo.....	5 "
Bioxydo d'estanho.....	13 "

Por meio d'esta mistura, obtem-se um vidro vermelho transparente, d'excelente qualidade, que pode servir directamente á confecção dos objectos mais varios, a menos que não seja necessario submettel-o a uma segunda fusão para obter uma cor mais intensa.

Um remedio contra a coqueluche

M. W. Gemmell annuncia, no *British medical Journal*, que administrou com successo o *quabaine* contra a coqueluche. A acção d'este medicamento será favoravel a todos os periodos da doença, fazendo-a mover no primeiro periodo, diminuindo o numero e moderando a violencia da tosse no segundo, apressando notavelmente a convalescença no terceiro. Não é preciso, segundo M. Gemmell, augmentar a dose d'um meio-miligramma por dia, dado em oito vezes, ou todas as trez horas. Este medicamento podia ser associado ao brometo de potassio e ao chloral.

O contagio da diabete.

Eis aqui uma doença que procuram fazer entrar no quadro das doenças infectiosas. Sem affirmar categoricamente esta natureza, M. Schmitz, de Berlim, dá algumas observações tiradas d'uma longa estatistica e parecendo advogar em seu favor, 26 casos sobre 21.520 casos de diabete, a doença pareceu ter tido um origem marital.

M. Schmitz apresenta mesmo um caso onde uma mulher, casada com um diabetico se tornou também diabetica. E tornou a casar-se com um individuo que não tardou também a ser diabetico. Geralmente os casos de diabete são observados e apresentados pelo auctor estando em evolução rapida, maligna ou não. Sabemos tão pouco sobre a etiologia da diabete que a hypothese d'uma origem microbia é muito accetavel em principio. Serão fecundas as investigações dirigidas n'este sentido?

SUSPENSÓRIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris

Escavações no Egypto

No Egypto fez-se recentemente uma descoberta importante. Escavações feitas sob a direcção d'um archeologo grego, no sitio onde fura edificada a cidade de Mendes, poziram a descoberto uma construção que servia de bibliotheca e composta de quatorze casas, todas cheias de papyrus. Infelizmente, a maior parte d'esses documentos fizeram-se em pó ao tocar-se-lhe; no entanto alguns d'elles ainda podam ser lidos.

O mesmo archeologo julga ter encontrado o sitio onde se erguia a cidade d'Avarios ou d'Havar (cidade da Fuga). Mipsius procurara em vão, perto de Pelusium (Damieta) os vestigios d'esta cidade que tivera grande importancia nos tempos das guerras entre o Egypto e Syria.

O Clero portuguez

No ultimo discurso, pronunciado na camara dos pares, pelo sr. bispo da Guarda, encontramos o seguinte curioso trecho:

Peço licença para contar á camara o seguinte facto. Ha na minha diocese um sacerdote respeitavel pelos seus longos servicos prestados á instrucção secundaria e superior, á Egreja e ao Estado; foi o ultimo governador do bispado de Pinhel. O meu illustre collega o sr. bispo do Algarve conhece-o, tem mais de noventa annos, agora está cego, e foi indispensavel substitui-lo no servico, e a sua Egreja renderá, se tanto 100.000 reis.

As minhas instancias, conseguiu o subsidio de 60.000 reis annuaes. Ao ter noticia d'isto escreve-me, dizendo: Veja a triste condição do clero. A um porcho nas minhas condições dá-se um subsidio de 60.000 reis annuaes, e a um actor da mesma data a aposentação com 75.000 reis mensaes! Respondi: dê graças a Deus e resigne-se, visto já não poder seguir a profissão de actor. (Muitos applausos).

Material dos caminhos de ferro

A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes possuía em 31 de dezembro, nas linhas portuguezas, 115 machinas, mais 44 do que em 1888; 3 carruagens reas; 6 carruagens com coupés-leitos; 3 toilettes-camas; 10 salões; 64 carruagens de 1.ª classe; 25 de 1.ª e 2.ª classes; 10 de 1.ª, 2.ª e 3.ª; 5 de 1.ª e 2.ª com corredor central; 96 de 2.ª; 5 de dois andares; 176 de 3.ª classe; 100 fourgons; 37 cavallarias; 20 frigorificos; 426 wagons fechados; 34 wagons para gado mudo; 632 plata-fórmas; 16 wagons para mineral; 218 de bordas altas; 300 para baiairos; 7 de soccorro e servico; 3 intermas, ao todo 2.174 vehiculos, mais 507 do que em 1888. Na linha de Gareces tinha 44 machinas e 849 carruagens, fourgons e wagons.

SOBRE A PRAIA

A pennugem dos braços e das pernas que escurece a pelle mais branca, desaparece n'um instante com a *Pelivora* d'uma efficacia certa e cujo emprego não apresenta nenhum inconveniente. Recomendamos este preparado ás nossas leitoras.

A expedição é feita franco em todo o Portugal pelo inventor M. Dusser, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, Paris; contra um vale do correio de 21 francos 75 centimos.

THEATROS DE PARIS

ESPECTACULOS DE MAIOR SUCCESSO

Grand-Opera. — *Fausto*. — *Zaire*.
Frangais. — *Une Famille*. — *La Fille de Roland*.
Opéra Comique. — *Dante*. — *La Basoche*. — *Mirville*.
Renaissance. — *Le Lycée de jeunes filles*.
Porte-Saint-Martin. — *La Jeunesse de Louis XIV*.
Varietés. — *Tout feu, tout flamme*.
Châtelet. — *Les Filles du Diable*.
Palais-Royal. — *Provinciales à Paris*.
Folies-Dramatiques. — *La Fille de l'air*.
Bouffes-Parisiens. — *Colombine pour deux*. — *L'Enfant prodige*.
Cluny. — *Les locataires de Blondeau*.
Ménus-Plaisirs. — *La Mascotte*.
L'Hippodrome. — *Grande l'antenna*. — *Jeanne d'Arc*.

L'Hippodrome. O mais extraordinario espectáculo d'estação parisiense.

OS EPILATORIOS DUSSE

DUSSE, Inventor, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, em frente do Louvre

PASTA EPILATORIA para o rosto. -- **PELIVORA** para os braços



— Esta senhora faz-me pensar nos versos de Ruy-Blas.

...Horrible compagne.

— Nesses tempos ainda se não tinham inventado os Epilatorios Dusse.



— Heim? que queres? Dis-se-lhe Dussé no banho rodeado das autographas.

— Um quadro não veio a casaca.

— Mas quando a natureza é corrigida e embelezada pelos Epilatorios Dusse a o cara muda muito de figura.



— Finalmente, acabou por aprender a nadar. — Nunca tive medo tanto de mostrar os braços e as pernas antes de conhecer a Pelivora.



— Não é a barba que entra no mar?

— Parece-me que já não tens aquella penugem exagerada que és tu a mulher da tua beleza.

— Exatidão, meu amigo da Pelivora.

— Pois não me conhece?

— Não, mas é que...

— E que me não passou, filha, um...

O banheiro (o pente) — sem falar nos braços, nem nos...

A banheira (a pente) — este banheiro ignora o segredo da...

Pasta Epilatoria e da Pelivora.

A PASTA EPILATORIA DUSSE

Devido ao sucesso da **Pastilha Desodorante** (Sabão, Bala, etc.), dos pontos dos dentes, para a pele mais delicada, **DOSSÉ DE EXITO**, **DOSSÉ DE RECONHECIMENTO** e a **Harmonia**, **Privilegiado de Fornecimento de muitas Farmácias, restaurantes, Milhares de atacadistas**, e a **aprovação do consumidor**. **Simultaneamente da Corporação Médica**, **curaram a doença e a beleza** **benéfico da esteticidade**. **Vendidos em caixas para o rosto, e muitas caixas para o corpo inteiro.** **O PELIVORA** **exerce a sua ação sobre os braços, nos quais continhamos as luxuriantes e ásperas** **DOSSÉ, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Rua Lisboa: DUFRUY, BERNARD, Farmácia ESTADID e Co, e nos principais Farmácias de Lisboa e do Brasil.**

Mudança de Domicílio

PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIS

14, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honore) PARIS

PRODUCTOS RECOMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO

CRÈME-ORIZA

ORIZA-LACTEO

ORIZA-OLEO

ORIZA-TONICA

ORIZALINA, creme instantaneo.

ESS-ORIZA, do todos os perfumes.

ORIZA-HAY, agua do tonico.

ORIZA-POWDER, pó-de-carrao.

ORIZA-VELOUTE, pó-de-carrao.

Ultima Novidade

Produtos especiais de **VIOLLETTA** de **CEAR**

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, deforma da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cheiros.

A variou em todos os saboneteiros e caixas de Perfumarias.

CAUTELA COM OS CONTRAFACIOS



Casa de Vertus Sours

Espartilhos

PARIS 12, Rue Auber, 12 PARIS



Esta casa, a primeira de Paris pelo seu bom gosto e elegancia recommenda-se pela forma especial dos seus espartilhos aperfeiçoados para a moda actual.

Basta enviar as medidas exactas para receber d'esta casa um espartilho em perfeita harmonia com as formas da pessoa a quem é destinado.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILE com **GRÃOS** de **BROMHYDRATO de QUININA BOILE** estes dois remediaes
apresentam, diâmetros, gastrologias, etc.